

Literatura alienígena

Jean Pierre Chauvin

S

“Pobres simplórios – disse-me Ernest ao ouvido. – Eles enxergam claramente até onde a visão alcança; quer dizer: até a ponta do nariz” (Jack London, *O Tacão de Ferro*).

“Mas quando a abstração começa a matar-nos, é necessário que nos ocupemos da abstração” (Albert Camus, *A Peste*).

alvo engano deste autor, o ensino em nossas escolas continua a mapear aproximadamente uma quarta parte do globo. Quero dizer: entre os séculos XVI e XVIII, na “Época das Grandes Navegações”, aprendemos que

JEAN PIERRE CHAUVIN é professor de Cultura e Literatura Brasileira da Escola de Comunicações e Artes da USP.

o mundo era a Europa; do século XIX em diante, nosso universo mais familiar constituir-se-ia da Europa e dos Estados Unidos da América. As consequências dessa abordagem, algo limitada e limitadora, são significativas. Para começar, a maior parte de nós ignora outros modos de ser e conceber determinadas coisas. Além disso, tendemos a julgar com menor benevolência o que diz respeito ao chamado “Oriente”: rebaixamos o Leste Europeu, o Oriente Médio, a Índia, a China, o Japão, as Filipinas, a Austrália, etc.

Em termos mais estritos, isso talvez explique o relativo esquecimento a que determinadas obras literárias foram relegadas por aqui. Refiro-me, em particular, a dois romances recentemente traduzidos e (re)editados no Brasil: *Nós* (1924), do engenheiro russo Ievguêni Zamiátin, e *Solaris* (1961), do médico polonês Stanislaw Lem. *Nós* foi resenhado por ninguém menos que George Orwell. Em 1946 (três anos antes de 1984 chegar às livrarias, portanto), o jornalista e romancista inglês dizia que:

“[...] a semelhança [de *Nós*] com *Admirável Mundo Novo* é impressionante. No entanto, embora o livro de Zamiátin seja menos coeso – a trama é um tanto frouxa e episódica, e complexa demais para ser resumida –, tem um ponto político que falta no outro. No livro de Huxley, o problema da ‘natureza humana’ é, em certo sentido, resolvido, pois supõe que, por meio de um tratamento pré-natal, medicamento e sugestão hipnótica, o organismo humano possa se especializar em qualquer modo desejado” (Orwell, 2017, p. 319).

Por sua vez, *Solaris* inspirou algumas versões cinematográficas, dentre as quais a obra-

-prima do cineasta russo Andrei Tarkóvski (1972), aclamada por público e crítica. Nas telas, a narrativa de Stanislaw Lem sintetiza e reforça o impacto sugerido pelas descrições impressionantes do romance. Como captar, definir e entender aquela massa liquefeita de tons amarelos com dimensões planetárias? Nem o relativo amparo de todos os recursos culturais e tecnológicos seria capaz de responder: “Estação Solaris para o visitante: preparar-se para o pouso no momento zero, atenção, começando a contagem regressiva: 250, 249, 248... As palavras eram pontuadas por pequenos miados, dando mostras de que não se tratava de voz humana” (Lem, 2017, p. 17).

Na teoria literária, *Nós* e *Solaris* são classificados como romances distópicos, ou seja, obras de ficção em que as pequenas grandes ações das personagens sugerem a inexorabilidade do ambiente, a postura repressiva dos governos e o tempo, praticamente sem referenciais do passado: “[...] levamos a eles a felicidade matematicamente infalível, o nosso dever é obrigá-los a serem felizes. Mas antes de recorrermos às armas, empregaremos a palavra” (Zamiátin, 2017, p. 16). Felizmente, as referências continuam valendo, no âmbito da crítica literária. Vale lembrar que *Nós*, de Zamiátin, apareceu oito anos antes de *Admirável Mundo Novo*, de Huxley, e antecedeu em 25 a obra máxima de Orwell. *Solaris* foi editado 12 anos após 1984: este, considerado até hoje um dos maiores *best-sellers* do gênero.

Se nos ativermos apenas a essas quatro obras, perceberemos que elas constituem uma espécie de *continuum* temático, transcorrido no espaço de menos de 40 anos. Elas abarcam, portanto, o período entreguerras, a Segunda Guerra Mundial e a polarização do

planeta entre Rússia e Estados Unidos, oficializada no final da década de 1940. Todas criticam sistemas padronizados e totalitários de vida, em que a liberdade do sujeito, o individualismo, o amor, a felicidade e o mundo do trabalho são colocados em questão:

“Nenhuma confusão sobre o bem e o mal: tudo é muito simples e paradisíaco, infantilmente simples. O Benfeitor, a Máquina, o Cubo, o Sino de Gás, os Guardiões, tudo isso é bom, tudo isso é majestoso, perfeito, nobre, elevado, de uma pureza cristalina. Porque isso protege a nossa falta de liberdade, isto é, a nossa felicidade” (Zamiátin, 2017, p. 93).

Em todas elas, a ambientação é opressiva e a narrativa caminha tortuosamente, alimentada pelos temores das personagens e a (esperada) empatia do leitor, incomodado com um modo de ser tão limítrofe e normatizador. A despeito, porém, de constituírem obras de qualidade a versar sobre um assunto que dizia respeito a todos os quadrantes do globo, crescemos supondo que *Admirável Mundo Novo* e *1984* seriam modelos fundamentais do romance distópico, embora ouvíssemos falar sobre *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells (1898), *O Tacão de Ferro*, de Jack London (1907), *A Peste*, de Albert Camus (1947), *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury (1953), ou ainda a versão cinematográfica de *Solaris* – classificado desde os anos de 1970 como filme do tipo *cult*.

Isto posto, o que há de convergente nos romances de Ievguêni Zamiátin e Stanislaw Lem? Ambos descrevem modos de ser e agir de sociedades localizadas num tempo remoto, em que o modo de vida é absolutamente regrado e obedece a rotinas severas. Tanto

os funcionários, guardiões e médicos de *Nós* quanto os astronautas e cientistas de *Solaris* demonstram convicção de que seu mundo ordenado é superior ao dos antigos – seja ele pelo elevado grau de racionalismo, seja pelo máximo conhecimento acumulado ao longo dos séculos:

“Mas, em compensação, o céu! Azul, imaculado, sem nenhuma nuvem (como era selvagem o gosto dos nossos antepassados, já que seus poetas eram capazes de tomar inspiração nesse amontoado de vapores desajeitados, incoerentes e tolos). Eu amo e estou certo de que não me engano se digo que nós amamos apenas esse tipo de céu: impecável e estéril” (Zamiátin, 2017, p. 19).

Nesses mundos, tão distantes temporal e espacialmente do nosso, passamos a acompanhar a trajetória de reduzida quantidade de figuras, identificadas como “Números”, no romance de Zamiátin; chamadas pelo sobrenome, na obra de Lem:

“Terei de concluir mais tarde: o interfone tocou. Levanto os olhos: O-90, é claro. Em meio minuto ela estará aqui. Veio buscar-me para um passeio. Querida O! Sempre me pareceu que ela tinha a aparência do próprio nome: era dez centímetros menor do que a Norma Maternal e por isso possuía formas completamente arredondadas. Um rosado O – sua boca – se abre ao encontro de cada uma de minhas palavras” (Zamiátin, 2017, p. 20).

Tanto D-503 – o protagonista de *Nós* – quanto Kris Kelvin – o psicólogo a bordo da estação *Solaris* – comportam-se de maneira inabitual, possivelmente devido à influência

de forças, para eles inéditas. A aparição de I-330 na vida sem surpresas de D-503 segue em paralelo com a imagem de Harrey, no quarto de Kelvin. Em ambos os casos, a representação do feminino impele-os a cometer atos até então impensados. Não se trata de pieguice, mas de sensibilidade: o número do Estado Único se torna ansioso; a seu turno, o psicólogo deixa de compreender a si mesmo. Dito de outro modo, Eros e Tânatos estão em conflito. A possibilidade de cultivar os afetos contrasta radicalmente com as condições regradas de ambos os protagonistas. Essa contraposição entre o ilógico, pela falta, e o racional, pelo excesso, é um dos fios condutores dos romances e acarretam consequências similares. Apequenados pelo ambiente – onde reproduzem rotinas com horários demarcados –, há que se considerar que a sua ligação física com as mulheres (I-330 e Harrey) também fosse um modo de representar a disputa entre restrição contingencial do trabalho e a expansão propiciada pelo amor. Inseguros, também porque impelidos pelo poder dos afetos, as personagens vivem sob a (i)lógica do talvez:

“Não: ponto final. Tudo isso são tolices, todas essas sensações ridículas são delírios, resultado do envenenamento de ontem... Mas com quê: com o gole de veneno verde, ou com ela? Tanto faz. Anoto isso apenas para mostrar como se pode, de maneira estranha, se emaranhar e perder a tão precisa e afiada razão humana” (Zamiátin, 2017, pp. 90-1).

Uma das consequências é que tanto D-503 quanto Kelvin passam a discernir mal os estados de vigília e sono: “Agora eu já tinha quase certeza de que ela não era Harrey; também estava muito seguro

de que ela própria não tinha consciência disso” (Lem, 2017, p. 94). O mundo do trabalho, planejado, ordenado e calculado, sofre a interferência do onírico – imprevisível, subversivo e imensurável. A perturbação emocional e mental dos protagonistas é emoldurada pela descrição algo surreal do ambiente em que estão imersos. De um lado, formas gigantescas, associadas à figura imponente do Benfeitor (possível inspiração para o Grande Irmão, de 1984). De outro, um oceano inteligente, capaz de alterar a paleta dos dias e afetar o raciocínio do punhado de tripulantes a bordo da estação – superequipada, mas ineficaz contra outra lógica que não a terráquea: “Dito de outro modo, ele não precisou se adaptar ao meio ambiente durante centenas de milhões de anos – assim como fizeram os organismos terrestres, para somente depois desse imenso período dar origem às espécies racionais –, de imediato exerceu controle sobre seu entorno” (Lem, 2017, p. 38).

Ambos os romances são enunciados em primeira pessoa, alternando seções de extensões variáveis, ora singelas, ora pretensiosas: “Mas, meus queridos leitores, é preciso pensar um pouco, isso ajuda muito. É evidente que toda a história da humanidade, pelo que sabemos dela, é uma história de transição de uma forma de vida nômade para outra, cada vez mais sedentária” (Zamiátin, 2017, p. 28). O romance de Zamiátin estrutura-se em “Anotações” do número D-503, acompanhadas de brevíssimos resumos. Por sua vez, a obra de Lem se organiza em capítulos que levam o nome da coisa ou acontecimento em destaque – “um solarista da cibernética não conseguia mais se entender com um solarista da simetridologia” –, daí a questão essencial dessa narrativa: “Como vocês



Capas de *Nós*, de levguêni Zamiátin, e de *Solaris*, de Stanislaw Lem, ambos recém-lançados pela Editora Aleph

vão se comunicar com um oceano se não conseguem fazer isso uns com os outros? – brincou certa vez Veubeke, então diretor do Instituto” (Lem, 2017, p. 43).

As narrativas não seguem algumas regras dos romances clássicos, em que a sucessão dos acontecimentos respeitaria a ordem cronológica dos eventos e os nós narrativos seriam deslindados ao final. Tanto em *Nós* quanto em *Solaris*, o caráter fragmentário do enredo justifica a estruturação dos romances em partes breves e numerosas. Esse modo de compor parece coerente: a própria forma literária representa e corrobora o pensamento fragmentário e as incertezas das personagens. Quer dizer, o caráter dos protagonistas, a sua situação desconfortável e seu modo lacunar de refletir transpareceriam no modo como ambos os romances foram estruturados: simulacro da falta de organicidade e inteireza:

“E lá estava eu, ombro a ombro, fundido neles, tomado pela cadência do aço... Movimentos ritmados: bochechas coradas, arredondadas e firmes; fronte espelhadas, não obscurecidas pela loucura do pensamento. Eu nadava por esse mar espelhado. Relaxei” (Zamiátin, 2017, p. 119).

As diferenças também são muitas e começam pela linguagem. As ironias são constantes em *Nós*. Ao retratar datas comemorativas ou os eventos para aplicação de penas de morte, a descrição da paisagem monumental das fábricas e máquinas ilustra o estado de deslumbramento em que vivem os números do Estado Único: “As cornetas da Fábrica Musical ecoaram harmoniosamente a Marcha, a mesma Marcha de todos os dias. Que fascínio inexplicável existe nessa

cotidianidade, repetitividade e reflexividade!” (Zamiátin, 2017, p. 60). Seduzidos pelas portentosas construções ao seu redor, satisfeitos com a maneira de viver, infensos aos dramas existenciais, crises de fé ou amores não correspondidos, os números do Estado Único elogiam o controle rigoroso do tempo, os momentos previstos para passear ou praticar atividades sexuais:

“Dentro de uma hora a querida O deveria chegar. Sentia-me agitado de maneira útil e agradável. Em casa, fui rapidamente ao departamento, entreguei à plantonista meu bilhete rosa e recebi a autorização que me dava direito a fechar as cortinas. Apenas temos esse direito nos dias sexuais” (Zamiátin, 2017, pp. 38-9).

Sob essa perspectiva unidimensional, o gigantesco Muro Verde os separa e protege da vida selvagem e desordenada: “Através do vidro, enevoado e mal iluminado, vi o focinho tolo de uma besta de olhos amarelos [...] Acenei, os olhos piscaram, retrocederam e desapareceram no meio das folhas. Pobre criatura! Que absurdo: ser ele mais feliz do que nós!” (Zamiátin, 2017, p. 132). Não provoca estranheza que as noções de liberdade e individualidade sejam consideradas como concepções de mentes atrasadas e patéticas, situadas num pretérito bem distante: “Fui obrigado a ler e ouvir muitas coisas incríveis sobre a época em que as pessoas ainda viviam livres, isto é, num estado de desorganização selvagem” (Zamiátin, 2017, p. 31). Se a ironia é constante no romance de Zamiátin, ela é quase imperceptível na obra de Lem. De fato, em *Solaris*, o narrador assume uma postura mais sóbria e grave. Não se está a questionar o sistema,

o Estado, os credos ou a condição humana; mas a tentar compreender o fascinante outro, situado no espaço sideral. Lugar para onde se vai e não se retorna – ao menos, não sob a forma física a que estamos habituados: “Seria possível o pensamento sem consciência?” (Lem, 2017, p. 45).

Em razão dos diferentes enfoques dados pelos romancistas, lidamos com epifanias de duas modalidades: em *Nós*, ela se dá pelo alargamento da percepção do narrador, impulsionado pelo caráter incontido dos afetos: “– Sinto-me muito culpada. É claro que não deve ser ‘amo simplesmente’, mas sim, ‘amo por alguma coisa’” (Zamiátin, 2017, p. 48). Em *Solaris*, ela é sugerida pela crescente proximidade entre Kelvin e a forma orgânica que pesquisa. Se Zamiátin torna implícita a (im)possível sublevação contra o sistema regido com mãos de ferro pelo Benfeitor, Lem sugere movimento em direção contrária. Kelvin passa gradativamente do entusiasmo com a pesquisa à resignação frente ao desconhecido. Num caso, a atmosfera seria, porventura, propícia a alguma revolução – sugerida graças à existência de numerosos ambientes superpovoados. No outro, a ação transcorre em espaço único, habitado por apenas três tripulantes, sem controle da misteriosa forma orgânica e imobilizados pela indecisão. Acima das revoluções, hesitações ou fracassos, está o trabalho: irrefletido, embora voltado para um suposto bem maior e coletivo. No entanto, a mesma apologia do trabalho permite-nos desconfiar da racionalidade e da convivência harmoniosa entre os mais envolvidos e afetados:

“Durante a primeira manobra (= explosão), havia uma dezena de números boquiabertos

embaixo da boca do motor do nosso hangar, e deles não sobrou absolutamente nada além de algumas migalhas e fuligem. É com orgulho que escrevo que o ritmo do nosso trabalho não perdeu nem um segundo por causa disso. Ninguém se abalou: nós e nossas máquinas continuamos os movimentos, em linha reta e circulares, tudo com a mesma precisão, como se nada houvesse acontecido. Dez números mal são uma parte de 100 milhões da massa do Estado Único. De acordo com um cálculo prático, é um infinitesimal de terceira ordem. Aritmeticamente, só os antigos conheciam a compaixão iletrada: para nós ela é cômica” (Zamiátin, 2017, p. 150).

O presente assoma como temporalidade reinante. Não temos acesso ao futuro, mas apenas a indícios dele, através de dispositivos inventados ou do uso imprevisto de equipamentos. No romance de Zamiátin, o passado é percebido com zombaria. Na obra de Lem, o pretérito reaparece graças aos livros e relatórios que o psicólogo consulta na biblioteca da estação:

“Nunca tinha estado na Estação, mas, por seis semanas, como parte de meu treinamento preparatório, morei em uma cópia exata dela, no Instituto, na Terra. Eu sabia para onde me levavam as escadinhas com degraus de alumínio. As luzes da biblioteca estavam apagadas. Às cegas encontrei o interruptor. Quando procurei no arquivo o primeiro volume do *Anuário de Solarística* e seu anexo, depois de ter apertado a tecla, a luzinha vermelha se acendeu” (Lem, 2017, p. 66).

Em ambas as narrativas há relações fugazes, tênues, com o passado: em sua igno-

rância feliz, D-503 está a negá-lo, supondo que o modelo racional e sem liberdade substituiria, com absoluta vantagem, a espontaneidade e a desorganização – comuns às eras predecessoras; por sua vez, Kris Kelvin tenta resgatá-lo com persistência e graças ao seu impulso de saber de si e do alheio. Se, em *Nós*, os matemáticos debatem com os poetas...

“Nossos poetas já não andam mais nas nuvens: desceram para a Terra. Conosco, andam sob o compasso da severa marcha mecânica da Fábrica Musical: sua lira é o rumor matinal das escovas de dente elétricas e o terrível estalido da faísca da Máquina do Benfeitor, o majestoso eco do Hino do Estado Único, o íntimo retinido de um vaso noturno, brilhante e cristalino, o estalido emocionante das cortinas se fechando, as vozes contentes por causa de um novíssimo livro de culinária, o quase audível sussurro das membranas das ruas” (Zamiátin, 2017, p. 101).

...em *Solaris*, a ciência esbarra no gigante desconhecido:

“– Você deveria saber que a ciência se ocupa apenas do modo como uma coisa ocorre, e não do motivo por que ela ocorre. Como? Bem, tudo começou cerca de oito ou dez dias depois daquele experimento com os raios X. Talvez o oceano tenha respondido à radiação com algum outro tipo de radiação, talvez tenha sondado com ela os nossos cérebros, retirando deles certos encistamentos psíquicos.

– Encistamentos?

– Sim, sim. São processos isolados, fechados em si mesmos, suprimidos, enclausurados,

semelhantes a focos inflamatórios da memória (Lem, 2017, p. 118).

No romance de Zamiátin, o Benfeitor faz as vezes dos demiurgos da Antiguidade greco-latina. Travestido como máquina superpoderosa, ele paira no alto das cabeças dos números e aplica os castigos aos recalitrantes:

“Um dia claro e festivo. Em dias como este você esquece as próprias fraquezas, imprecisões e enfermidades, tudo é cristalino e inquebrantável, eterno como nosso novo vidro... A Praça do Cubo. Sessenta e seis potentes círculos concêntricos: as tribunas. E sessenta e seis fileiras: rostos quietos e iluminados, os olhos refletindo o resplendor do céu, ou, quem sabe, o resplendor do Estado Único” (Zamiátin, 2017, p. 73).

Na obra de Lem, não há espaço para a metafísica, o que não impede que os tripulantes mireem, num misto de fascínio e horror, o planeta abaixo deles, como se se tratasse de uma entidade inapreensível. Apesar de sua aderência ao sistema em que vive, supostamente feliz, D-503 registra pensamentos cada vez mais complexos, inclusive sobre a lei que rege o Estado Único: “Até os antigos, sobretudo os mais adultos, sabiam: a fonte do direito é o poder, o direito é uma função do poder” (Zamiátin, 2017, p. 160). A exemplo do que aconteceria em *Admirável Mundo Novo* e *1984*, palavras estranhas semeiam as páginas. À proporção que avançamos ao ritmo das anotações do narrador D-503, vamos nos familiarizando com a terminologia empregada pelo Estado Único: situação contraditória, já que, embora reconhecemos o mundo retratado no roman-

ce, ele não nos parece amistoso, acolhedor ou justificável.

Um conjunto de premissas orienta as trajetórias de D-503 e I-330, dentre as quais a “obrigação de ser feliz”. Já em *Solaris*, é a compulsão por compreender o indefinível que contagia a narrativa. No primeiro caso, os constantes elogios ao mundo ordenado, simétrico e planejado sobre a crescente interferência do desejo (ilógico, imprevisto e incontrolável), o que impede a D-503 restabelecer o percurso retilíneo e cronometrado em que vivia. No caso de Kris Kelvin, a esfera dos sentimentos é retroalimentada por uma figura que (re) aparece sem qualquer aviso:

“Todo ‘hóspede’, quando aparece, é quase um espectro, além de uma mistura caótica de lembranças e imagens extraídas de seu próprio... Adão é, na verdade... vazio. Quanto mais tempo fica aqui com você, mais se humaniza. Também vão se tornando independentes, até um certo limite, é lógico” (Lem, 2017, pp. 230-1).

Em *Nós*, graças à presença da mulher/número I-330, o enredo tensiona e relativiza a lógica e a desrazão, o que redundando num dos mais belos episódios do romance russo:

“Estava maduro. E, de maneira inevitável, como o ferro e o ímã, com uma doce obediência às suas leis precisas e imutáveis, desaguei-me nela. Não havia talão cor-de-rosa, não havia conta, não havia Estado Único, não havia eu. Havia apenas seus dentes cerrados, suavemente pontiagudos, os olhos dourados totalmente abertos para mim” (Zamiátin, 2017, p. 108).

D-503 e Kelvin duvidam de sua sanidade e suspeitam que o sonho seja, afinal, o único estágio fisiológico em que os afetos possam se espriar, insubmissos à equação matemática, à fórmula frasal e aos experimentos científicos. “Então algo que eu provavelmente não esperava aconteceu: o pensamento de que eu tinha enlouquecido me acalmou” (Lem, 2017, p. 81).

Se alguma lição nos fica, é a de que não subestimemos as obras que não frequentam

determinados círculos, nem integram os cânones literários tradicionais. Para além dos enredos fantásticos, parafernálias tecnológicas e personagens violentadas pelo sistema totalitário em que vivem, há espaço para questionar os prazeres e as obrigações que nos cercam e moldam. No fim das contas, a principal intenção deste resenhista é estimular a leitura. Para além dos maniqueísmos, da infalibilidade, da suposta retidão moral e do relativo alcance das leis.

BIBLIOGRAFIA

CAMUS, Albert. *A Peste*. 6ª ed. Tradução Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro, Record, s/d.

LEM, Stanislaw. *Solaris*. Tradução Eneida Favre. São Paulo, Aleph, 2017.

LONDON, Jack. *O Tação de Ferro*. Tradução Afonso Teixeira Filho. São Paulo, Boitempo, 2011.

ORWELL, George. “Resenha de *Nós*”, in Ievguêni Ivánovitch Zamiátin. *Nós*. Tradução Gabriela Soares. São Paulo, Aleph, 2017.

ZAMIÁTIN, Ievguêni Ivánovitch. *Nós*. Tradução Gabriela Soares. São Paulo, Aleph, 2017.

